

Quincas Borba
e o Moskeratu

AMOS

Quincas Borba e o Nosferatu

De como o resoluto filósofo e seu relutante
assistente Brás Cubas enfrentam o diabólico
conde Drácula para salvar a impulsiva Capitu

Edson ARAN

Ilustrações do autor



Rio de Janeiro, 2025

*Uma profanação amorosa que não terá
a estima dos graves e nem o amor dos frívolos.*

SUMÁRIO

Nota do Organizador	13
Capítulo I	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	15
Capítulo II	
Breves Considerações sobre o Humanitismo e a Arte da Investigação Filosófica	22
Capítulo III	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	26
Capítulo IV	
As Anotações de Bento Santiago	38
Capítulo V	
O Diário de Sancha	43
Capítulo VI	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	53
Capítulo VII	
O “Conde de Coisa Alguma”	63
Capítulo VIII	
O Diário de Sancha	67
Capítulo IX	
As Anotações de Bento Santiago	76

Capítulo X	
Editor de <i>O Moleque</i> É Atacado por Alcateia de Lobos!	80
Capítulo XI	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	84
Capítulo XII	
Gazetilha	89
Capítulo XIII	
O Diário de Sancha	92
Capítulo XIV	
As Anotações de Bento Santiago	98
Capítulo XV	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	102
Capítulo XVI	
O Diário de Sancha	111
Capítulo XVII	
As Anotações de Bento Santiago	117
Capítulo XVIII	
Eminente Filósofo Quincas Borba Visitou Itaguaí para Pesquisar a Obra do Sábio da Nossa Terra, o Ilustre Alienista Simão Bacamarte	120
Capítulo XIX	
A Correspondência de Simão Bacamarte	123
Capítulo XX	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	140
Capítulo XXI	
Telegrama de Quincas Borba para Brás Cubas	146

Capítulo XXII	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	147
Capítulo XXIII	
O Diário de Sancha	
Capítulo XXIV	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	155
Capítulo XXV	
Os Diários de Sancha	
Capítulo XXVI	
Rogai a Deus por Ela	168
Capítulo XXVII	
As Anotações de Bento Santiago	169
Capítulo XXVIII	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	174
Capítulo XXIX	
O Mistério do Cadáver Desaparecido	181
Capítulo XXX	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	186
Capítulo XXXI	
Gazetilha	194
Capítulo XXXII	
As Anotações de Bento Santiago	197
Capítulo XXXIII	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	204

Capítulo XXXIV	
A Dama do Arco do Teles	209
Capítulo XXXV	
As Anotações de Bento Santiago	211
Capítulo XXXVI	
Como Matar um Desmorto	217
Capítulo XXXVII	
As Anotações de Bento Santiago	220
Capítulo XXXVIII	
Como Matar um Desmorto (Parte Dois)	224
Capítulo XXXIX	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	229
Capítulo XL	
Mais Horror no Arco do Teles	237
Capítulo XLI	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	238
Capítulo XLII	
As Anotações de Bento Santiago	244
Capítulo XLIII	
Anúncios	249
Capítulo XLIV	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	256
Capítulo XLV	
As Anotações de Bento Santiago	264

Capítulo XLVI	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	270
Capítulo XLVII	
As Anotações de Bento Santiago	281
Capítulo XLVIII	
Gazetilha	294
Capítulo XLIX	
As Anotações de Bento Santiago	296
Capítulo L	
As Verdadeiras Memórias Póstumas de Brás Cubas	306
Epílogo	
Reminiscências Tardias do Doutor John H. Watson, M.D.	313

NOTA DO ORGANIZADOR

A presente obra é uma compilação de diários, cartas, memórias e papéis diversos agrupados para melhor compreensão dos fatos.

Os dossiês organizados por Joaquim Borba dos Santos, mais conhecido como Quincas Borba, fundador do Humanitismo, são reproduzidos neste livro com a permissão do senhor Cristiano Palha, da empresa Palha & Cia, proprietário dos arquivos do filósofo e investigador.

As memórias de Brás Cubas estão arquivadas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, onde podem ser livremente consultadas. A versão apresentada nesta obra diverge em vários pontos do texto publicado sob os cuidados do escritor Machado de Assis. A razão ficará clara, espera-se, ao final deste volume.

As notas de Bento de Albuquerque Santiago são rascunhos iniciais, posteriormente rejeitados, da celebrada autobiografia do autor. Esses esboços são reproduzidos aqui graças à gentileza do seu filho, o arqueólogo Ezequiel A. de Santiago.

Os demais textos têm sua origem apontada na sua própria apresentação.

Rio de Janeiro, Império do Brasil, outubro de 1869

CAPÍTULO I

AS VERDADEIRAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

*Texto manuscrito arquivado na
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*

O autor defunto e o defunto autor

Há algum tempo, hesitei se devia ou não escrever estas memórias. É vulgar falar de si mesmo, e este livro difuso certamente não alcançará sequer os cem leitores que Stendhal confessava ter. Nem cinquenta ou vinte e, quando muito, dez. Não importa.

O sucesso ou o insucesso desta obra não me trará alento algum, uma vez que estou morto. Faleci oficialmente de pneumonia, e gozo, portanto, de toda a eternidade para me dedicar à literatura. Inúmeras vezes escutei escritores e editores proclamarem: “É impossível viver de livros no Brasil!”

Ora, acabou-se o problema!

Nós, os defuntos, temos uma existência bastante frugal e comedida. Somos enterrados com nosso melhor terno — o que me parece um desperdício — e nunca precisamos trocar de roupa. Adentramos o *Undiscovery Country* de Hamlet com pompa e circunstância e não nos preocupamos em ganhar a vida, pois não temos exatamente uma vida para ganhar. Escrever nessas condições, sem ambicionar um só conto de réis, é um sonho de todo autor. Acredite, leitora, nesta nossa terra, é melhor ser um autor defunto do que um defunto autor.

Almejo apenas distração no pós-vida e bastam-me duas moedas sobre os olhos para que Caronte me conceda navegação tranquila pelas águas negras do Estige.

Ah, na verdade, nem disso preciso. Nem disso.

Sei bem o que falo quando digo que nós, os mortos, não estamos em nenhum Hades pagão a discutir filosofia com Platão ou Aristóteles. Não! Nós apenas vagamos como... como... mas me desvio. Estas memórias não são uma crônica do mundo defunto, mas sim uma narrativa do reino dos vivos. Se alguns desmortalos assombram estas páginas, é porque amam demais o mundo vivo e insistem em perambular pelo Aquém, em vez de repousar tranquilamente no Além.

Tudo, porém, tem um princípio. O início desta história, que também marca o fim dos meus dias, começou com o meu velho amigo Quincas Borba.

Filósofo e criador do Humanitismo, Quincas foi pobre e foi rico, perdulário e milionário. Foi um profundo observador da vaidade humana e um imprudente incitador da iniquidade desumana.

Ah, Quincas, Quincas... não o inculpo, todavia. Se alguém merece ser culpado pelas nossas desventuras é aquele distante *chevalier* Auguste Dupin, que lhe ensinou a tola arte da detecção. Mas de novo me desvio em devaneios. Começemos pelo começo. E o começo foi o pequeno anúncio estampado no *Jornal do Commercio*, entre um remédio para mordedura de cobra e uma notícia sobre o avanço do império da Áustria-Hungria sobre as terras desoladas da Moldávia, Valáquia e Transilvânia.

O anúncio

Na última vez que vi o Quincas Borba, ele era um mendigo. Roubou-me um abraço e o relógio. Morava na escadaria da Igreja

do São Francisco, residência arejada e de teto estrelado, ele dizia. Havia sido meu colega de colégio, o Quincas. Naqueles dias de menino, ele andava asseado e enfeitado, com um vistoso pajem atrás. Tinha garbo e certa magnificência nas atitudes. Isso foi por volta de 1814, quando eu contava 9 ou 10 anos.

Quando o revi, vinte anos mais tarde, ele era um pedinte andrajoso. Havia perdido a mãe e o dinheiro. Vivia na rua, da caridade de estranhos, com vestimentas de um cativo da Babilônia. Dei-lhe mil-réis, e ele me afanou o relógio de bolso, que estava com o vidro solto.

Nessa condição de penúria abjeta, Quincas Borba havia desenvolvido um saber próprio, o Humanitismo. Era um pensar proveitoso. O desejo, a inveja, o sucesso. Tudo isso eram facetas de Humanitas, a síntese da essência humana. Não era grande coisa como filosofia, mas servia bem ao amigo, que sempre considerei meio doido. Esse segundo encontro já fazia muitos anos.

Mas então, naquela manhã, enquanto tomava café aos goli-nhos e mordida uma torrada besuntada de geleia de jabuticaba, vi o seguinte anúncio no *Jornal do Commercio*:

Quincas Borba

Investigador Filosófico

Remove suspeição de adultério, recupera objetos roubados e empreende busca a pessoas desaparecidas.

Grande utilidade e pouco preço.

Visite-nos à rua do Ouvidor, 23.

O anúncio prometia filosofia e certo embuste, logo, só podia ser ele mesmo, e não um homônimo. A curiosidade me dominou: o que teria acontecido ao jovem janota que se tornara pedinte pernóstico? Que novidade era essa agora? Investigador filosófico!

Como não tinha muito o que fazer, resolvi visitá-lo à rua do Ouvidor. Cronos me devorava os dias, mas eu me deixava levar, sem buscar afazeres que atrapalhassem meu ócio. Contava, na época, com uma boa renda para minha vida de solteiro e tudo o que fazia era sonhar com glórias futuras. Talvez virar ministro de Estado ou, quem sabe, criar um emplastro para dores lombares, o que fosse mais fácil. Assim, munido de chapéu e bengala, resolvi ir até o endereço para rever o Quincas Borba, relembrar o passado e talvez, quem sabe, reaver o relógio roubado.

Sobre as digressões

Quero crer que, em uma narrativa, as digressões são mais importantes que os acontecimentos. Sem os devaneios do autor, os fatos apenas se sucederiam e um romance de setecentas páginas acabaria em menos de dez. Talvez nove. Alguns livros melhorariam bastante, é verdade, mas não é o caso das minhas memórias. Não escrevo “para” a Eternidade, mas sim “da” Eternidade. Tenho todo o tempo do mundo.

Além disso, são as divagações que tornam Xavier de Maistre um cartógrafo do próprio quarto e elevam Laurence Sterne à condição de mestre com seu *“Tristram Shandy”*.

Portanto, peço perdão à leitora, se, às vezes, interrompo a trama e me ponho a ponderar sobre frugalidades e banalidades. Note, contudo, que da bela chácara do Catumbi, onde resido, à animada rua do Ouvidor, onde Quincas Borba abriu seu comércio, é meia hora de balanço nas ruas de pedras do Rio de Janeiro. O cavalo da sege a trotar vagaroso, enquanto o autor se distrai com as saias e se põe a pensar.

Viver eternamente é um desejo que acompanha a humanidade desde os tempos do Gilgames, mas o que é a vida sem os prazeres da carne? A quentura do sol, a brisa que sopra do mar, o abraço

da amada e mesmo a geleia de jabuticaba no café da manhã. Para isso é que se almeja a eternidade, e não para repousar solitário em um sepulcro, o que seria muito mais uma maldição do que uma bênção.

Mas basta de digressão. A carruagem chegou ao destino. Rua do Ouvidor, 23. Venha comigo, leitora.

Um capítulo inútil

Eu deveria apagar o capítulo anterior, mas estou morto e não tenho editor.

O homem do outro lado da rua

Atravessei a movimentada rua do Ouvidor, cheia de escravos de ganho que vendiam doces, e me coloquei em frente ao número 23. A porta de madeira estava fechada e, ao lado dela, havia uma placa de metal que dizia “Investigador Filosófico” em letras graves e austeras.

Já ia bater à porta, quando ela se abriu de supetão e uma mão forte me puxou para dentro.

— Entre, entre! Não fique aí fora! — disse-me Quincas Borba. O próprio Quincas Borba.

O mesmo Quincas Borba que fora meu amigo de infância e depois mendigo de porta de igreja. Mas ele era e não era o Quincas Borba. Não havia mais nele o aspecto andrajoso e nem aquele odioso odor de suor com urina. Era um Quincas Borba totalmente novo, com botão de ouro no peito e botas de verniz magnificamente polidas.

— Meu estimado Quincas, o que foi que... — principiei-me a dizer, mas o filósofo levou o dedo indicador aos lábios, pedindo que eu me calasse.

— Veja! Ele está do outro lado! Acho que dessa vez ele entra...